

1.

Abrir a janela esquerda para só descobrir as quintas.

A aurora começa a despontar e o manto da noite ainda cobre as montanhas quando o Pimpolho acorda.

Abrir a janela central para descobrir o ganso Pimpolho.

Ao seu redor, ainda todos dormem;
o grande galinheiro está mergulhado em silêncio.

PORTUGAIS



2.

O Pimpolho estica o pescoço e põe os ouvidos à escuta: sabe que brevemente, ali pertinho, o sino do relógio soará cinco badaladas.

E, logo a seguir, o melro, empoleirado no alto do pinheiro, entoará o seu canto que parece saído de uma flauta.

PORTUGAIS



3.

O que o Pimpolho mais gosta é de ouvir os sons do despertar. Antes que o galo cante, corocóó!, na certeza de anunciar a chegada de um novo dia, o ganso Pimpolho ouve as melodias que vêm do rádio do dono da quinta, o miado da gata a reclamar a sua taça de leite, e, nesta manhã de maio, o grito do cuco que ecoa algures pela floresta.

Deslizar a imagem seguinte até ao traço para ficarem apenas a descoberto as aves do galinheiro.

Assim que nasce o sol, começa um concerto no galinheiro!

As galinhas cinzentas e as suas primas pretas e ruivas cacarejam e os pintainhos de penugem amarela andam à sua volta a piar.

À beira do charco, o pato grande grasna, ao lado da pata que grassita. O velho peru faz glu glu, as três belas pintadas cacarejam, e as rolas arrulham.

Deslizar a imagem por completo.



4.

Apenas um não se atreve a abrir o bico: o Pimpolho.

PORTUGAIS



5.

Todas as manhãs, o ganso Pimpolho relembra o dia em que também quis fazer ouvir a sua voz.

Embalado pelo canto melodioso que um casal de tentilhões repetira, desde o nascer do sol, foi para o meio do galinheiro... e, levantando o pescoço em direção ao céu, respondeu-lhes, com os mais belos cânticos de primavera, aqueles que, desde há muito ouvia na sua cabeça...

Quá! Qué! Qué!
Quá! Qué!

PORTUGAIS



6.

O ganso Pimpolho nunca esqueceu...

Nem o silêncio pesado que se seguiu ao seu grito pouco gracioso, nem a troça de que foi alvo.

«Os gansos, não sabem cantar, nem sequer devem tentar!»

«É uma chinfrineira, um assobio, uma gritaria, dá dor de ouvidos!»

«Nunca mais faças isso. Pimpolho, tem piedade de nós!»

«Pimpolho, nunca mais faças isso! Até ficamos com vontade de ser surdos!»

O ambiente no galinheiro ficou num alvoroço e até o Aníbal, o cão de guarda, deu a entender que era melhor ficar calado!

E desde então o ganso Pimpolho nunca mais se atreveu a cantar.



7.

Como sempre, quando está bom tempo, o ganso Pimpolho passa o dia no prado : o dono da quinta abre-lhe o portão e o Pimpolho pasta ao lado das ovelhas. Com o seu grande bico afiado, corta grandes feixes de erva, que vão desde o sanfeno à luzerna, dos trevos às azedas, e das orelhas-de-mula aos dentes-de-leão.

PORTUGAIS



8.

Caiu agora a noite no galinheiro.

Não há lua, apenas algumas estrelas a cintilar.

Todos adormeceram: as galinhas cinzentas, as galinhas pretas, o pato grande, o velho peru, as pintadas e os pintainhos.

O ganso Pimpolho fez o mesmo... sonha, com as patas dobradas, a cabeça debaixo da asa e de olhos fechados.

PORTUGAIS



9.

Mas, de repente, o Pimpolho abre os olhos: um ruído insólito despertou a sua atenção. Ouve esgravatar e rapar muito devagarinho, o barulho para e recomeça; enquanto isso, parece-lhe ouvir sussurros abafados, que não são de nenhum dos animais que dormem.

PORTUGAIS



10.

O Pimpolho está bem desperto. Examina a escuridão, dirigindo o olhar desde a porta até ao sítio onde as mães galinhas descansam, cercadas pelos seus pintainhos: é de lá que vem o barulho, tem a certeza.

E, de facto, no escuro da noite, o ganso Pimpolho distingue sombras igualmente escuras... alongadas, achatadas, formas estranhas em torno dos pintainhos, numa agitação silenciosa que o assusta muito.

PORTUGAIS



11.

O ganso Pimpolho nem tem tempo de pensar o que fazer.
Abre o seu grande bico e...

Quá! Quá! Quá!
Quá! Quá!

PORTUGAIS



12.

O Pimpolho grita com todas as suas forças!

Os seus gritos estridentes rompem a noite cerrada e o galinheiro acorda, numa agitação cada vez mais barulhenta que a escuridão torna caótica.

Có- có- có- có! Quá Quá! Glu glu glu glu! Pumba! Quá Quá Quá Quá! Quá Quá!

Có-có-ró-có-cóoo! Co-co-ro-cocó! Quá!

Os intrusos, assustados, aproveitam-se da confusão para fugir.

Escapam ao Aníbal que não os tinha ouvido chegar e que, sem sucesso, continua a latir.

PORTUGAIS



13.

Assim que o sol nasceu, todos os animais da quinta se juntaram à volta do ganso Pimpolho.

«Obrigado, Pimpolho!»

«Sem ti, teriam levado todos os pintainhos!»

«Quem sabe o que os malandros mais poderiam ter feito se não os tivesses afugentado!»

«Obrigado, Pimpolho!» «Foi a tua voz que nos salvou!»

«Obrigado, obrigado!»

PORTUGAIS



14.

Preocupado com tamanho estrondo, o dono da quinta saiu da cama. Pela janela, viu o Aníbal a correr, e avistou uns vultos a fugir sem perceber bem de que se tratava. Contudo, reconheceu bem a voz do ganso Pimpolho.

Por isso, depois de lhe dar os parabéns, construiu-lhe uma bonita cabana em madeira, ao lado da casota do Aníbal.

PORTUGAIS



15.

No final do dia, o ganso Pimpolho, está cansado de controlar minuciosamente as entradas e saídas da quinta e vai descansar enquanto ouve o dono da quinta sentado num banco em frente à casa.

Hoje, conta-lhes uma velha história que aconteceu na cidade de Roma, onde há, segundo reza a história, sete colinas. Há muito tempo atrás, durante a noite, os soldados inimigos atacaram de surpresa uma dessas colinas, chamada Capitólio; mas um bando de gansos deu o alarme e impediu a invasão da cidade.

O ganso Pimpolho não tem a certeza de ter compreendido tudo, uma vez que a história do dono da quinta está cheia de palavras complicadas, mas gostou muito da coragem daqueles gansos guardiões.

FIM

PORTUGAIS

